O uso de brincadeiras e sua importância no contexto da musicalização de crianças: um estudo preliminar

Luiz Carlos Martins Pereira[1]

Vinícius Eufrásio[2]

Categoria: Iniciação Científica

Resumo: Partindo de uma revisão bibliográfica realizada no âmbito da construção de uma monográfica de conclusão do curso de Licenciatura em Música, este trabalho discute a importância do uso de brincadeiras no contexto da musicalização infantil. Esta pesquisa apresenta algumas das vantagens deste tipo de prática lúdica nos contextos educacionais e levanta questões e reflexões a partir de forma com o tema é tratado na literatura específica da área.

Palavras-chave: Brincadeiras Musicais. Atividades para musicalização. Jogos musicais. Jogo Educativo.

The use of games and their importance in the context of children's musicalization: a preliminary study

Abstract: Based on a literature review carried out as part of the construction of a monograph for the conclusion of the Degree in Music, this paper discusses the importance of the use of play in the context of children's musicalization. This research presents some of the advantages of this type of playful practice in educational contexts and raises questions and reflections based on how the theme is treated in the specific literature of the area.

Keywords: Musical games. Activities for musicalization. Musical games. Educational game.

Introdução

Este trabalho consiste em um recorte acerca de uma das etapas do processo de revisão bibliográfica realizado no âmbito do curso de licenciatura em música do Conservatório Brasileiro de Música (RJ). No decorrer deste texto será abordado como a ludicidade, estudada a partir do contexto educativo da musicalização infantil, pode facilitar a compreensão e o aprendizado musical para crianças de 4 a 6 anos de idade, e

[1] Estudante de Licenciatura em Música, Conservatório Brasileiro de Música/RJ, luizpereiramartins10@gmail.com.
[2] Doutorando em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, vinie13@ufmg.br.

como essa prática pedagógica é capaz de auxiliar no desenvolvimento de habilidades fundamentais para o crescimento e amadurecimento destes indivíduos.

O conceito de lúdico vem sendo discutido em diversos trabalhos desde a segunda metade do século XX mesmo diante do espaço de abandono no qual configura-se o tempo e espaço da infância e do ser criança (PIORSKY, 2016), mas faz ainda sonante no cenário educativo brasileiro uma vez que, considerando sua importância, foi possível verificar ainda sua forte presença no que diz respeito à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo o documento, o ato de brincar integra o cotidiano da criança de várias formas, em diferentes espaços (pracinha, playground, etc), com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu conhecimento, acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BRASIL, 2017, p. 38).

Neste sentido, buscou-se investigar os diferentes aspectos que compõem o jogo e a brincadeira dentro do escopo da ludicidade inerente à infância e algumas das interseções teórico-metodológicas existentes entre os processos de musicalização e a atitude brincante, tendo como ponto referencial para escrita deste trabalho, o levantamento realizado em documentos normativos, bem como na bibliografia especializa dentro de áreas como a educação, a psicologia e a música.

Formas de brincar e seu uso na educação

Pelo aspecto de liberdade existente no lúdico, podemos observar o porquê é a atividade preferida das crianças. Seu valor se dá principalmente na liberdade do fazer, onde a criança passa a ser o principal protagonista, ela se expressa, faz escolhas, se envolve socialmente, percebe a si mesma como ser social e interage com o mundo a sua volta (BRASIL, 2012).

A ludicidade pode ser considerada como a atividade principal da criança e pode ser compreendida de duas formas distintas, mas complementares: 1) Como jogo ou brincadeira estruturada; 2) Como jogo ou brincadeira livre, com fim em si mesma. A primeira forma, se assemelha ao conceito de jogo educativo, amplamente utilizado em contextos educacionais para auxiliar a criança, de forma lúdica, no processo de aquisição de habilidades e será o tipo de atividade abordada neste trabalho, por acreditarmos ser

mais difundida em relação ao uso de jogos e brincadeiras no contexto da Educação Musical.

Por outro lado, em relação à segunda forma de fazer lúdico, podemos compreender que sua importância está contida no fato de ser uma ação livre, que é iniciada e conduzida pela criança e que também lhe possibilita atuar diretamente em processos de tomada de decisões, expressão de sentimentos e valores, no processo de conhecer a si mesma, as outras pessoas e também o mundo em que vive. Contudo, o jogo com fim em si e o livre brincar, pouco pode ser identificado nas práticas de musicalização de forma geral, especialmente se comparado às atividades com objetivos claramente educativos encontrados em diversos livros instrucionais e que têm o objetivo de oferecer repertório de atividades aos profissionais da educação.

O universo lúdico e a importância do brincar

O aspecto lúdico pode ser identificado em atitudes como repetir e reinventar atividades prazerosas, em situações imaginárias, criativas, e no compartilhamento de momentos e atividades com outras pessoas. Por meio da brincadeira, a criança pode expressar peculiaridades de sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se. Brincar não é apenas uma dinâmica interna do indivíduo, mas pode ser considerada como uma atividade dotada de significação social que, assim como outros tipos de atividade, requer aprendizagem (BROUGÈRE, 1998).

Neste sentido, ainda que o lúdico seja uma atividade ligada à criança, a interação a partir deste aspecto pressupõe um conhecimento prévio, ou seja, um repertório de condutas que ela precisa aprender no âmbito das brincadeiras (BRASIL, 2012.p. 11). Assim, podemos considerar a existência de uma cultura lúdica que precede o ato de brincar em si e que é composta pela gama de elementos socialmente e historicamente validados em determinados ambientes culturais em que as crianças estão inseridas, ou seja, o jogo e a brincadeira existem dentro de um sistema de designação e interpretação das atividades humanas (BROUGÈRE, 1998).

Sem dúvida o universo das brincadeiras é algo muito significativo para criança e isso faz parte da cultura infantil que precisa ser compreendida pelos adultos. No ato de brincar a criança aprende, e pode ser apurado que o brincar é o principal meio de aprendizado na infância, pois, no brincar, está contido diferentes oportunidades de

desenvolvimentos como: imitar, imaginar, dominar, habilidades, escolher, desperta etc, (MOYLES, 2002 *apud* CRESPI; NORO; NÓBELE, 2020). É importante que o adulto entenda que a criança não nasce sabendo brincar, e por isso precisa se envolver socialmente com outras crianças e adultos. Brincar tem suas próprias regras e não exige um resultado final. Nesse sentido é importante haver o cuidado na administração das atividades livres e dirigidas para que não haja uma baixa qualidade no aprendizado infantil (KISHIMOTO, 2010).

Essa interação com o lúdico começa a ser construída no período anterior aos 2 anos de idade, entretanto mesmo as crianças menores já interagem com o mundo à sua volta e por esse motivo elas sabem muitas coisas, como, por exemplo, se colocarmos um brinquedo bem próximo de um bebê, a ponto do mesmo ser capaz de tocá-lo, possivelmente ele irá tentar fazê-lo do seu jeito e de sua própria forma. Desse modo, o bebê interage com o mundo à sua volta. De fato, o que a criança realmente quer é brincar e isso é um direito dela, pois lhe dá prazer, relaxa, ensina regras, envolve, introduz a criança no mundo imaginário e auxilia no desenvolvimento de novas habilidades (KISHIMOTO, 2010).

Nessa perspectiva, podemos pensar na construção da ideia de infância considerando que:

> A concepção de criança, posta pelo Enfoque Histórico-Cultural, se sustenta na tese de que a criança só se desenvolve, isto é, se humaniza, mediante a apropriação da cultura e no processo de sua atividade. Todas as habilidades e aptidões humanas são, nesse sentido, formadas nas relações concretas – compreendidas na materialidade e imaterialidade – entre o homem e o mundo da cultura, tornando-se produtos e produtoras da história humana. Portanto, a criança, nessa perspectiva, não nasce com caráter humanizado, mas se humaniza pelos seus processos de vida e de educação (SOUZA, 2007, p. 133 *apud* FRANCA, SANTOS, 2018, p. 96).

Por meio da ludicidade, as crianças também desempenham ações, constroem e apropriam-se de conhecimentos partilhados a partir do envolvimento com outras crianças e adultos, essas ações, no contexto educacional, possibilitam aprendizagem, desenvolvimento e a socialização. O envolvimento da criança durante o brincar define o dia-a-dia da infância, trazendo consigo muitos aprendizados que podem auxiliar no desenvolvimento integral da criança (BRASIL, 2017).

Falando ainda da importância do lúdico para o desenvolvimento da criança, vale destacar que é preciso cuidar e entender a imagem da infância para que haja clareza quanto a importância do interagir e do brincar. Em relação à BNCC de 2017 e seu olhar sobre a presença dos aspectos lúdicos na Educação Infantil, podemos perceber que este documento se apoia nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009 que por sua vez, apresenta a ideia de criança que devemos considerar ao elaborarmos propostas pedagógicas para a Educação Infantil. Assim, podemos entendê-las como personagens históricos e de direitos que, em seus relacionamentos diários e envolvimentos com outras crianças e adultos, constroem suas identidades pessoais e coletivas, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, cria, expressa, estesia, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (FRANÇA; SANTOS, 2018).

O brincar e o desenvolvimento infantil

A atividade preferida da criança é o brincar. Esse processo contínuo de repetir ações que para ela são prazerosas traz mútuos benefícios ao seu desenvolvimento, pois, na infância, o espaço do brincar é também o espaço, de partilhar, de expressar sua singularidade e personalidade através de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e inventar. Também é importante relatar que, ao brincar, a criança vivencia o poder de explorar o mundo dos instrumentos e coisas, das pessoas, da natureza e dos costumes, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de diversas linguagens. Entretanto, é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela associação dos significados (KISHIMOTO, 2010).

“Brinquedo”, “brincar”, e “brincadeira” são elementos distintos, mas que estão interligados entre si e diretamente conectados ao ser brincante, ou seja, aquele que brinca. É na materialidade do brinquedo que nasce o brincar e daí surgem as brincadeiras, as mesmas são sustentadas pela imaginação ou fonte de expressão que residem no inconsciente. Observando o universo infantil em suas ações, é possível identificar linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades do brincar relacionadas a esse inconsciente natural que mora no imaginar e, frequentemente, se mostra no fazer das crianças (PIORSKI, 2016).

Tomando como exemplo o fazer das crianças, e observando como a brincadeira é iniciada na mente das crianças, analisando as seguintes questões: o brincar não acontece do nada, antes da criança colocar um personagem em ação em sua brincadeira ela já se transformou nesse personagem; ou seja, antes do cavalinho entrar em ação o brincante já se tornou um cavaleiro. Outro exemplo seria, quando uma criança pega um pano e o transforma em uma capa de super-herói, primeiro ela se transforma em super-herói. O cavalinho e o pano não são materiais lúdicos, mas a forma em que a criança se relaciona com esse material é que caracteriza o lúdico. Nesse sentido não se pode dizer que o pano e o cavalinho de pau sejam objetos lúdicos. Ou seja, o cavalinho de pau ganha vida a partir do momento em que a criança o desperta em sua imaginação, exatamente por esse motivo qualquer material utilizado pelas crianças se torna um brinquedo conforme sua imaginação e criatividade. A criança tem em sua essência um impulso que a faz querer brincar, que a faz dar novos significados às coisas físicas e imaginárias. Uma das mais importantes maneiras que a criança tem de aprender e compreender o mundo é através do brincar (PEREIRA, 2009).

Para auxiliar melhor a compreensão quanto ao desenvolvimento cerebral da criança, observa-se as seguintes questões:

> Observando o desenvolvimento cerebral típico, verifica-se que este órgão amadurece em decorrência das experiências que vivencia em seu ambiente, seguindo um padrão evolutivo específico da espécie humana. Cabe reforçar que, embora o desenvolvimento cerebral siga uma sequência considerada padrão para os seres humanos, o ritmo de conquista de novas habilidades está atrelado às diferenças individuais, características físicas, estado emocional, de saúde e nutricional, além dos contextos socioculturais e ambientais onde a criança se insere (CRESPI; NORO; NÓBELE, 2020, p. 163).

Existem diferentes segmentos de desenvolvimento cerebral da criança, esses padrões cerebrais são identificados pela idade, como, por exemplo: crianças com idade entre 3 e 6 anos, tem um desenvolvimento físico menor, porém, nesse período, o desenvolvimento cognitivo e social passa a ter um crescimento considerável. As crianças nessa fase se tornam mais sociáveis, comunicativas, falantes, ousadas, criativas em comparação com seu comportamento anterior aos 2 anos de idade. No período entre os 2 e 7 anos de idade, a criança passa a desenvolver a capacidade pensar sobre pessoas e objetos que não estão presentes fisicamente ao seu redor, logo, passa a existir a função

simbólica que está contida nas brincadeiras e jogos de faz de conta, da linguagem para comunicação entre pares, ou seja, outras crianças e adultos (DIANE; PAPALIA, 2006 *apud* CRESPI; NORO; NÓBILE, 2020, p. 164).

Com base nos tópicos citados anteriormente referente ao desenvolvimento cerebral infantil, é possível afirmar que esse período da primeira infância (que vai desde o nascimento até aos 6 anos de vida) é de suma importância para uma estrutura cerebral saudável. Outro aspecto que se relaciona com o desenvolvimento cerebral infantil são as funções executivas do cérebro que, segundo o Núcleo Científico Pela Infância (NCPI) (2016 *apud* CRESPI; NORO; NÓBILE, 2020), as funções que se destacam são: a memória de trabalho; o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva.

A memória de trabalho, ela se relaciona com a capacidade de armazenar informações em curto prazo de tempo, essa habilidade faz com que a criança seja capaz de retomar uma atividade, ou seja, que se lembre do que estava fazendo, após ser interrompida. O controle inibitório, se relaciona com alto nível de concentração e domínio próprio, assim, ao desenvolver essa habilidade, a criança é capaz de executar uma atividade sem deixar que as distrações do ambiente lhe tirem o foco. Não podemos nos esquecer que cada criança possui peculiaridades e limitações que precisam ser consideradas pelo educador. Quanto à flexibilidade cognitiva, esta é a habilidade que está relacionada com a capacidade que a criança tem de se adequar rapidamente a diferentes ambientes e situações sem que ocorram grandes alterações de comportamento (CRESPI; NORO; NÓBILE, 2020, p. 167).

Um olhar para a musicalização infantil

De forma geral, podemos considerar que as funções executivas supracitadas, quando bem articuladas no âmbito das atividades infantis, possibilitam resultados favoráveis no que diz respeito ao pleno desenvolvimento destes indivíduos, acarretando no aprendizado de habilidades específicas e na experimentação de situação que podem ser benéficas para seu futuro. Ao considerarmos algumas possibilidades de articulação entre essas funções executivas do cérebro nos contextos de musicalização infantil, podemos vislumbrar algumas interseções. Se pensarmos que a música traz consigo um caráter imaginário, conectado à criação, podemos vislumbrar um paralelo entre o fazer musical e o brincar (EUFRÁSIO, 2017).

Atividades como cantigas de roda, brincadeiras com músicas folclóricas, canções e jogos que imitam sons de animais e sons do cotidiano como (carros, instrumentos, máquinas, buzina, etc) podem favorecer a aquisição de habilidade relacionadas à memória de trabalho. Essas e muitas outras atividades cotidianamente presentes em situações de musicalização infantil ajudam a criança a memorizar sequências e comandos que precisam ser apreendidos dentro de um curto espaço de tempo.

Outro exemplo de atividade musical que pode auxiliar no desenvolvimento de habilidade ligadas às funções executivas são os jogos que determinam ações rápidas e diretas, contendo comandos específicos, tais como morto-vivo, siga o mestre, dança das cadeiras, estátua, dentre outras, auxiliam as crianças em relação ao controle inibitório. Por sua vez, brincadeiras que dão espaço ao jogo imaginativo, abrem margem para que a criança desenvolva habilidades referentes à flexibilidade cognitiva. Brincadeiras de faz de conta, teatralizações e contações de histórias são alguns dos exemplos que permitem que o educador atue de forma a contribuir com o desenvolvimento desta função cerebral.

De forma complementar, podemos identificar no texto da BNCC informações que agem na tentativa de garantir que as crianças se envolvam e tenham a oportunidade de se expressar por meio de linguagens variadas, estimulas pelas produções artísticas e culturais de autorias coletivas e individuais a partir do uso de sons traços, gestos, dança, mímicas, canções, teatros, desenhos, modelagem, manipulação de materiais diversos e recursos tecnológicos (BRASIL, 2017, p. 39).

Por fim, considerando os contextos educacionais, bem como os processos, espaços e atividades de musicalização, é possível considerar as potencialidades que surgem ao aproveitarmos o desejo da criança pela brincadeira e direcioná-la para o aprendizado musical almejando o desenvolvimento de funções cerebrais e também a aquisição de habilidades de cunho musical já que a música é tida como uma das mais importantes formas de expressão humana e está presente em variadas culturas. Através da música e suas expressões é possível transmitir cultura de uma geração à outra e, sobretudo, incentivar as capacidades musicais das crianças, contribuindo o seu desenvolvimento, uma vez que a música integra também aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos (MAURO, COLHEO, 2009).

De forma geral, a bibliografia que aborda o uso da brincadeira no âmbito da musicalização infantil considera que para que esse gênero de atividade seja eficaz no contexto educativo, é fundamentalmente necessário que o educador mantenha um certo grau de equilíbrio entre ações lúdicas e pedagógicas, transfigurando conteúdos que competem às habilidades musicais em forma de brincadeira (EUFRÁSIO, 2017). Contudo, este uso unilateral desconsidera o jogo com fim e si e tampouco o ato de brincar livremente, e abre pouca margem para o livre brincar com música também como um espaço para aprendizagem musical.

Considerações finais

Embora na revisão proposta por este trabalho tenha sido possível encontrar na documentação normativa brasileira uma redação que almeja garantir o espaço do lúdico dentro dos contextos educativos, sobretudo na Educação Infantil em forma de brincadeiras e jogos considerando a existência de ao menos duas modalidades, uma mais livre e outra regida por objetivos específicos, encontrou-se na área de Educação Musical pouca discussão em torno destas significações e uma maior predominância de atividades que se alinham mais ao conceitos de jogo e brincadeira educativas do que ao livre brincar e do jogo com fim em si mesmo, atividades que, como vimos, são inerentes ao ser criança.

Especialmente com a situação colocada pela pandemia de COVID-19 em 2020, por meio da internet, sobretudo das redes sociais, foi possível verificar o advento de inúmeros usuários apresentando ideias e receitas de atividades lúdicas, especialmente brincadeiras, de cunho musical no intuito de viabilizar o fazer docente diante do cenário desafiador. Acredita-se que uma análise aprofundada dessas atividades poderia demonstrar que há uma maior difusão de atividades que se relacionam aos jogos e brincadeiras caracterizados como exercício musical travestido de brincadeira.

Essa comunicação é fruto de uma pesquisa ainda incipiente e que demanda maior aprofundamento em diversos sentidos, dentre eles, podemos vislumbrar a necessidade de analisar mais materiais instrucionais para musicalização infantil, canais de comunicação que, nos ambientes virtuais, vem ganhando a atenção de educadores em diversas partes do Brasil e do mundo, bem como, analisar as opiniões postura dos

profissionais que são, ao mesmo tempo, recebedores, replicadores e disseminadores dessas práticas no contexto da musicalização de crianças.

Referências

BRASIL, M. DA E. DO. ***Base Nacional Comum Curricular (BNCC)****. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2018.*

BRASIL. Ministério da Educação. Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC, 2012.

BROUGÈRE, G. A Criança e a Cultura Lúdica. In: ***O Brincar e Suas Teorias****. São Paulo/SP: Cengage Learning, 1998.*

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. F. As Potencialidade do Brincar para o Desenvolvimento das Funções Executivas na Primeira Infância. ***Debates em Educação****, v. 12, n. 28, p. 159–177, 2020.*

EUFRÁSIO, V. ***A utilização de brincadeiras folclóricas em aulas de música****. 1ª ed. [s.l.] Novas Edições Acadêmicas, 2017.*

FRANCA, R. DE C. C. R. DE; SANTOS, R. A. DOS. Base Nacional Comum Curricular e Educação Infantil: a ciranda das Artes na Escola de Aplicação da UFPA. ***Arquivo Brasileiro de Educação****, v. 6, n. 14, p. 88–113, 2018.*

KISHIMOTO, T. M. ***Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil****. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais.* ***Anais****...Belo Horizonte/MG: 2010*

MAURO, H.; COELHO, R. Educação Musical: brincar que vale para toda a vida. In: ***Brincar(es)****. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2009. p. 181–190.*

PEREIRA, E. T. Brincar e criança. In: ***Brincar(es)****. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2009. p. 17–27.*

PIORSKI, G. ***Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar****. São Paulo/SP: Peirópolis, 2016.*